

Espanhol como língua adicional em pesquisas do grupo LET: algumas reflexões sobre as suas bases teórico-metodológicas**Español como lengua adicional en investigaciones del grupo LET: algunas reflexiones sobre sus bases teórico-metodológicas**

Flávia Colen Meniconi¹
Universidade Federal de Alagoas

Rusanil dos Santos Moreira Junior²
Instituto Federal de Alagoas – IFAL/Campus Batalha

Andrey Ronald Monteiro da Silva³
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

O grupo de pesquisa *Letramentos, Educação e Transculturalidade* (LET) tem se dedicado aos estudos e investigações acerca da educação linguística, formação de professoras/es e ensino-aprendizagem de línguas, dentro de perspectivas críticas, dialógicas e discursivas fundamentadas nos estudos decoloniais e nas práticas de letramento crítico. Com o objetivo de compreender as percepções construídas pelas/os membras/os do LET acerca dos conceitos de língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada, desenvolvemos um estudo qualitativo com foco na pesquisa documental, direcionadas/os pela seguinte problematização: Como as/os participantes do grupo LET concebem língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada em suas pesquisas? Como resultados, encontramos visões comuns, respaldadas nos estudos bakhtinianos e, ao mesmo tempo, atualizadas por cada pesquisadora/or em decorrência de atravessamentos com vivências, teorias e saberes diversos. Em pesquisas mais recentes, apoiadas/os nos estudos da Linguística Aplicada crítica, transgressiva e in/transdisciplinar e respondendo às propostas teórico-metodológicas do LET, membras/os do grupo adotaram o conceito de língua adicional com vistas à formação de cidadãs/aos críticas/os, reflexivas/os e transformadoras/es de sua realidade social.

Palavras-chave: Grupo de pesquisa. Língua/Linguagem. Língua adicional. Linguística Aplicada

¹ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas- UFAL. Professora Associada do Curso de Letras/Espanhol (FALE/UFAL) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/FALE/UFAL). É vice-líder do grupo de pesquisa “Letramento, Educação e Transculturalidade (LET)”. E-mail: flavia.meniconi@fale.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5182-258X>.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professor EBITT do Instituto Federal de Alagoas – IFAL/Campus Batalha. Membro do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade – LET/CNPq. E-mail: rusanil.moreira@ifal.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6737-8671>.

³ Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/FALE/UFAL). Mestre em Letras e Linguística (PPGLL/FALE/UFAL). Graduado em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Alagoas. Membro do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade – LET/CNPq. E-mail: andrey.silva@fale.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8548-9639>.

Resumen

El grupo de investigación *Letramentos, Educação e Transculturalidade* (LET) se ha dedicado a los estudios e investigaciones sobre la educación lingüística, la formación docente y la enseñanza-aprendizaje de lenguas, dentro de perspectivas críticas, dialógicas y discursivas fundamentadas en los estudios decoloniales y en las prácticas de literacidad crítica. Con el objetivo de comprender las percepciones construidas por los miembros del LET sobre los conceptos de lengua/lenguaje, lengua adicional y Lingüística Aplicada, desarrollamos un estudio cualitativo con enfoque en la investigación documental, guiadas/os por la siguiente problematización: ¿Cómo conciben las/os participantes del grupo LET las concepciones de lengua/lenguaje, lengua adicional y Lingüística Aplicada en sus investigaciones? Como resultado, encontramos visiones comunes, respaldadas en los estudios bakhtinianos y, al mismo tiempo, actualizadas por cada investigadora/or en consecuencia de los cruces con vivencias, teorías y saberes diversos. En investigaciones más recientes, apoyadas en los estudios de la Lingüística Aplicada crítica, transgresiva e in/transdisciplinar y respondiendo a las propuestas teórico-metodológicas del LET, los miembros del grupo adoptaron el concepto de lengua adicional con miras a la formación de ciudadanas/os críticas/os, reflexivas/os y transformadoras/es de su realidad social.

Palabras clave: Grupo de investigación. Lengua/Lenguaje. Lengua adicional. Lingüística Aplicada

Um breve retrato do grupo

Discutir acerca das percepções e conceitos relacionados à língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada é sempre muito desafiador, dada a riqueza do campo teórico e as variadas possibilidades de diálogos com diferentes correntes de pensamentos, reflexões e áreas de pesquisa. Assim, provocadas/os pela necessidade de compreender de forma profunda como as percepções e visões sobre esses construtos teórico-metodológicos foram mobilizados pelas/os membras/os do grupo de pesquisa *Letramentos, Educação e Transculturalidade*, doravante LET⁴, abraçamos a proposta deste dossiê temático dedicado aos estudos em torno de “Grupos de pesquisa em línguas no Brasil: reflexões teórico-metodológicas em contextos plurais”.

Entendemos que, por meio do estudo apresentado neste artigo, não apenas averiguamos quais foram as pesquisas sobre o espanhol como língua adicional publicadas pelas/os pesquisadoras/es do LET, na última década, como também damos mais visibilidade às produções científicas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa. Dessa forma, compartilhamos diferentes olhares em torno do mesmo objeto de estudo: as percepções e conceitos construídos sobre língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada.

O grupo LET foi criado em 2013 e reúne pesquisadoras/es da Linguística Aplicada que investigam o uso de línguas adicionais – espanhol e inglês – em contextos diversos, visando, principalmente, o ensino-aprendizagem e a formação de professoras/es por meio de diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Os estudos e as pesquisas realizados no

⁴ Atualmente, o grupo é liderado pelo professor Sérgio Ifa (líder) e pela professora Flávia Colen Meniconi (vice-líder).

LET têm forte viés in/transdisciplinar e inter/transcultural. Ligado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o LET tem participação nos cursos de graduação em Letras-Espanhol e Letras-Inglês e nos projetos de extensão da UFAL e das instituições de ensino superior parceiras, a saber, o Instituto Federal de Alagoas (IFAL), a Universidade Federal de Sergipe (UFS), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Federal do Piauí (UFPI). Em seu escopo de trabalho, o grupo tem priorizado temas e problemáticas sociais relacionados à educação, à formação de professoras/es e ao ensino-aprendizagem crítico de línguas adicionais, envolvendo, portanto, os estudos decoloniais, o letramento crítico e a justiça social, na área da Linguística Aplicada.

Ao ter em vista as temáticas de cunho social abraçadas pelo nosso grupo de pesquisa, acreditamos ser de fundamental importância discutir sobre as visões que nossas/os pesquisadoras/es têm construído acerca dos conceitos de língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada, uma vez que essas concepções, de uma forma ou de outra, influenciam no fazer docente. Aqui, chamamos a atenção para o objetivo maior de nossas pesquisas: a formação do ser questionador, reflexivo e atuante na construção de uma sociedade mais humana, amorosa e justa. Nesse contexto, as concepções dos construtos discutidos neste artigo podem nos ajudar a compreender melhor os desdobramentos das pesquisas realizadas sobre o idioma espanhol pelas/os membras/os do LET e, ao mesmo tempo, reconhecer o quanto essas investigações se aproximam das perspectivas teóricas utilizadas pelo grupo.

Começamos as nossas discussões pela apresentação dos caminhos metodológicos que direcionaram a pesquisa em tela. Na sequência, dialogamos acerca das perspectivas teóricas sobre língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada que, por sua vez, ajudaram-nos a trilhar as nossas etapas de geração e análise de dados. Concomitantemente, discutimos acerca dos dados gerados em nossa pesquisa e suas relações com as estruturas conceituais do grupo LET.

Um estudo documental

Nossa investigação tem como base metodológica o estudo qualitativo com foco na pesquisa documental. A pesquisa qualitativa utiliza procedimentos e instrumentos diversificados de geração e análise de dados, a partir de diferentes caminhos (Kripka; Scheller; Bonotto, 2015). Nas palavras de Tuzzo e Braga (2016, p. 142), a abordagem qualitativa “oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos”.

Segundo Cellard (2008), “o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante” (Cellard, 2008, p. 295). Nessa perspectiva, os documentos escritos a serem analisados dizem respeito às teses, dissertações, capítulos e artigos publicados pelas/os membras/os do grupo LET, nos últimos 10 anos, acerca do espanhol como língua adicional. Em nossa pesquisa, objetivamos discutir sobre as concepções de língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada desenvolvidas nesses estudos.

Buscamos, neste trabalho, responder à seguinte pergunta de pesquisa: Como as/os membras/os do grupo LET concebem língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada em suas pesquisas? Com vistas a responder a tal problematização, utilizamos diferentes etapas interpretativas. Elas nos permitiram uma compreensão mais profunda acerca do tema proposto pela pesquisa em questão, tal como defendem Tuzzo e Braga (2016). Após o levantamento dos estudos publicados pelas/os membras/os do grupo LET, catalogamos os dados e buscamos classificá-los em temas/tópicos similares e/ou de aproximação com relação ao conteúdo temático. Além disso, utilizamos também sínteses, em forma de fragmentos recortados, contendo as informações geradas por meio dos dados catalogados, com o intuito de aprofundarmos nossas compreensões acerca dos conceitos de língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada construídos e publicados em diferentes estudos acerca do espanhol como língua adicional.

Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), a pesquisa documental diz respeito a “um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Por meio deste estudo, conforme fora aludido, interessa-nos averiguar os pontos de convergência e/ou divergência nas estruturas conceituais desenvolvidas no grupo LET bem como a forma como são constituídas, discutidas e construídas pelas/os pesquisadoras/es. Nesse viés, alinhamo-nos a Ribeiro *et al.* (2023, p. 101), que compreendem a pesquisa documental, na perspectiva qualitativa, como “um movimento no qual o investigador se propõe a compreender o significado que os participantes apresentam para a questão/problema de pesquisa”.

Ademais, a pesquisa documental pode ainda ser considerada como um método autônomo ou caminho complementar a outros métodos de pesquisa, contribuindo para a compreensão de um dado fenômeno (Flick, 2009). Nessa perspectiva, temos a investigação documental como proposta qualitativa única e autônoma na análise dos documentos catalogados. Em nossa pesquisa, seguimos a proposta de estrutura dos processos de análise de dados sugerida por Creswell (2010), a saber: 1) organização e preparação dos documentos para a análise; 2) leitura preliminar de todos os dados; 3) codificação dos documentos; 4) criação de uma descrição das categorias ou temas para análise dos documentos; 5) descrição dos documentos e representação dos temas por meio da narrativa qualitativa e 6) interpretação e extração do significado dos documentos.

Ao seguir esses passos, primeiramente, acessamos o espelho do grupo de pesquisa LET no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGPB), na Plataforma Lattes/CNPq, com data do último envio em 26 de julho de 2024, e consultamos os currículos Lattes de todas/os as/os pesquisadoras/es e estudantes ativas/os no grupo LET, isto é, excluindo-se as/os acadêmicas/os egressas/os. Em cada currículo, buscamos artigos publicados em periódicos com Qualis, capítulos de livros, dissertações e teses sobre o espanhol como língua adicional, por meio da busca de palavras-chaves como “espanhol” e “língua espanhola” em seus títulos⁵. A partir dessa seleção, concentramo-nos nas investigações que tratam sobre o ensino-aprendizagem de espanhol. No total, foram contabilizados 20 artigos, 22 capítulos, 4 dissertações e 3 teses produzidas pelo LET. Entretanto, apenas 6 artigos, 8 capítulos, 4 dissertações e 1 tese trazem, no interior de seus

⁵ É relevante mencionar que, nesse levantamento, foram considerados apenas os trabalhos de membras/os do grupo LET publicados a partir da sua data de inclusão no grupo, conforme os dados do DGPB/Lattes/CNPq.

textos, os conceitos de língua/linguagem, língua adicional e/ou Linguística Aplicada que, por sua vez, interessam à nossa pesquisa.

Devido à extensão limitada deste artigo e ao volume de trabalhos, a análise foi restrita a um número específico de estudos. Foram selecionados 2 artigos (Meniconi *et al.*, 2022; Silva; Meniconi; Ifa, 2021), 2 capítulos (Omena *et al.*, 2024; Meniconi; Silva, 2023), 3 dissertações (Silva, 2022; Araújo, 2018; Moreira Júnior, 2016⁶) e 1 tese (Moreira Júnior, 2022) como exemplos representativos da produção recente do grupo, de forma a proporcionar uma análise aprofundada e representativa dentro do escopo do estudo. Esse limite foi estabelecido para assegurar que a discussão fosse objetiva e detalhada, sem comprometer a qualidade da análise.

Na sequência, organizamos o *corpus* e realizamos a leitura prévia dos textos. Posteriormente, criamos as categorias de análise e executamos o estudo narrativo qualitativo das temáticas acerca das concepções em discussão presentes nos documentos coletados. Convém destacar que, em nossas leituras e análises, consideramos, sobretudo, os estudos mais recentes publicados pelo grupo, por entendermos que esses apresentam um melhoramento ou amadurecimento do que para nós, membras/os do grupo LET, significa conceber, ensinar e aprender uma língua adicional e pesquisar em Linguística Aplicada – mais especificamente para as/os pesquisadoras/es de língua espanhola.

Partimos, agora, para as discussões sobre os conceitos de língua/linguagem do grupo LET, assim como a apresentação do estudo que realizamos acerca das pesquisas desenvolvidas sobre o espanhol como língua adicional, nos últimos anos.

Conceito de língua/linguagem no grupo LET: convergências e atualizações

Os grupos de pesquisa caracterizam-se, entre outros atributos, por se constituírem em um conjunto de estudiosas/os – com diferentes trajetórias acadêmicas – em torno de uma ou mais linhas de investigação de uma área de conhecimento com a finalidade de desenvolver reflexões teórico-metodológicas e pesquisa científica. Entende-se, portanto, que essas/es acadêmicas/os compartilham visões semelhantes ou convergentes sobre o objeto de estudo a que se dedicam, no nosso caso, a língua/linguagem.

Em meio à riqueza e às diversas possibilidades de olhares e de preocupações sociais que os estudos acadêmicos se empenham em apresentar respostas ou encaminhamentos para elas, buscamos, nesta seção, apresentar as conceptualizações de língua/linguagem que as/os pesquisadoras/es do LET elaboram em suas pesquisas sobre o idioma espanhol.

Vale destacar que as concepções de língua/linguagem de uma/um pesquisadora/or se dão, sempre, por atravessamentos de saberes construídos a partir do contato dela/e com múltiplos contextos sociais e de suas experiências pessoais. Nesse sentido, queremos dizer que as/os membras/os do grupo LET têm uma visão comum partilhada sobre

⁶ Embora a dissertação de Moreira Júnior (2016) trate, especificamente, sobre o ensino de português como língua adicional, analisamos, neste artigo, os conceitos sobre língua adicional e Linguística Aplicada tecidos pelo autor em sua pesquisa, nos quais se apoiou a maior parte dos estudos sobre língua espanhola realizados pelo grupo.

língua/linguagem e que, ao mesmo tempo, essa visão é *atualizada* por cada pesquisadora/or em decorrência desses atravessamentos com vivências, teorias e conhecimentos diversos. Essas atualizações situam as nossas pesquisas e tornam-as ainda mais relevantes para os espaços de atuação de cada pesquisadora/or, principalmente para nós, linguistas aplicadas/os, que interagimos com múltiplos saberes e disciplinas para construir uma ciência que responda às demandas dos nossos campos de atuação com responsabilidade e comprometimento com a sociedade. Nas palavras de Kleiman (1998, p. 50), “a LA tem compromissos com a utilidade social da pesquisa, ou seja, propõe-se a contribuir para resolver problemas da vida social”.

Dessa maneira, acreditamos que a maneira como concebemos língua/linguagem e, conseqüentemente, como a ensinamos também está impregnada desses atravessamentos, inevitavelmente. Entendemos, assim, que ditas atualizações enriquecem as discussões sobre o nosso objeto de estudo e que essas ressignificações acontecem como consequência do intento contínuo de atender às demandas sociais com as quais nos encontramos. Compreendemos ainda que, por meio dos estudos linguístico-discursivos desenvolvidos no campo do ensino-aprendizagem de línguas adicionais e da formação de professoras/es, buscamos formar cidadãs/ãos críticas/os e humanizadas/os, viabilizar acessos a todas/os e proporcionar respostas situadas, isto é, não generalizantes e não reducionistas, aos problemas sociais do nosso convívio.

Do Círculo de Bakhtin aos estudos decoloniais

Desde a formação do grupo LET, em 2013, é mais expressiva a quantidade de pesquisadoras/es e, conseqüentemente, o número de pesquisas dedicadas à língua inglesa se comparadas às desenvolvidas sobre a língua espanhola (Meniconi; Silva, 2023). Entretanto, para a nossa felicidade, temos observado, ainda que de forma tímida, um crescimento contínuo de estudos, pesquisas e publicações em torno do espanhol como língua adicional, principalmente no último quinquênio.

Em nosso entendimento, o incremento de pesquisas dedicadas aos processos de ensino-aprendizagem do espanhol como língua adicional representa não apenas sua evolução no campo científico mas também o fortalecimento de uma área que vem, há muito tempo, lutando contra o seu completo apagamento nos currículos da educação básica pública e privada no nosso país.

A seguir, apresentamos e interpretamos algumas concepções sobre língua/linguagem desenvolvidas nas pesquisas do grupo.

Recorte 1: Moreira Júnior (2022, p. 111)

[...] é no fluxo do uso da linguagem que ocorre o processo de construção e elucidação de sentidos, em virtude de que “o sentido da palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 195). Ou seja, é por meio da palavra, no sentido mais amplo de registro do pensamento, que a vida se tece e organiza-se, o que implicam as relações

dialógicas, as quais extrapolam o puramente linguístico (BAKHTIN, 2018).

Recorte 2: Silva (2022, p. 53)

[...] adoto nesta pesquisa a visão de língua para Bakhtin e o Círculo (2006) que, por sua vez, compreendem a língua enquanto fenômeno social da interação verbal, não como sistema abstrato, nem pela enunciação monológica isolada. [...] Sendo assim, não é possível compreender a comunicação verbal desvinculada a situação concreta.

Recorte 3: Araújo (2018, p. 42)

[...] lembro-me o que Bakhtin (1997) falava sobre a impossibilidade de desvinculação da língua dos seus falantes, da sua realidade e do contexto sócio-histórico-político-cultural em que eles se encontram. É preciso que entendamos a língua como “um fenômeno social de *interação verbal*” (*op. cit.*, 1992, p. 123), ou seja, compreendê-la a partir do contato com o outro, dentro de um contexto específico e que, mudado o contexto, muda-se, também, os efeitos promovidos pelo que se foi dito. Compreendendo a língua dessa forma (grifo da autora).

Recorte 4: Silva; Meniconi; Ifa (2021, p. 3-4)

[...] segundo Bakhtin, entender a língua como um discurso significa a impossibilidade da dissociação de seus falantes e dos atos, dos campos sociais e dos valores ideológicos que a norteiam (FILHO; TORGA, 2011 *apud* ARAÚJO, 2018). Nesse sentido, defendemos que, no processo de ensino-aprendizagem de idiomas, devemos levar em consideração não somente o texto enquanto produto de interpretação, mas, também, de análise, considerando aspectos de seu entorno.

O entendimento de língua/linguagem como um fenômeno dinâmico e socialmente estabelecido nas relações sociais entre sujeitos historicamente situados revela-nos, nos recortes anteriores, a forte influência das teorias do Círculo de Bakhtin sobre as concepções de língua/linguagem que o grupo desenvolve em seus estudos.

Moreira Júnior (2022) ressalta a sua compreensão de língua como um produto social, cujos sentidos são formados e tecidos no *fluxo do uso da linguagem*, isto é, no instante em que o sujeito se utiliza de diferentes linguagens com um *outro* para manifestar-se no mundo. Isso se estabelece como relações dialógicas, em termos bakhtinianos.

Silva (2022) indica partilhar da mesma concepção apresentada por Moreira Júnior (2022) ao afastar-se do entendimento de língua como um sistema independente e rígido, ou seja, um *sistema abstrato*, que é acessado por suas/seus falantes⁷ e imune à *situação concreta* de

⁷ No contexto de ensino, esse termo também pode ser lido como “aluna/o”.

uso. Araújo (2018) vai ao encontro das perspectivas desses autores e reforça a imprescindibilidade do *contato com o outro* e de *um contexto específico*, real, para a produção de sentidos na língua. A autora destaca as transformações semânticas que os enunciados sofrem quando se alteram a/o interlocutora/or e a situação comunicativa. Essa compreensão corrobora a ideia de que a palavra, tão somente entendida como a combinação de signos linguísticos, é insuficiente para construir inteligibilidades na língua.

No último recorte, Silva, Meniconi e Ifa (2021) acrescentam às elucidações apresentadas a relação da língua com os *valores ideológicos* que a orbitam e precipitam sobre ela nos discursos de suas/seus falantes. Dessa forma, todos os condicionantes de uma produção linguística devem ser considerados e explorados se desejamos ensinar, aprender ou expressar-se em um idioma, uma vez que as percepções de mundo dos sujeitos não são alheias à língua por meio da qual imprimem sua história.

Posto isso, observamos que, nas produções do grupo LET, os estudos bakhtinianos fundamentam a concepção de língua/linguagem dessas/es pesquisadoras/es como um fenômeno indissociável da vida plena das/os suas/seus falantes. Dessa forma, fica claro o entendimento de língua/linguagem como condição fundante para a manifestação humana, cujos significados construídos socialmente se atualizam a partir das vivências desses sujeitos com a palavra.

Levando em conta esses pressupostos, no tocante à filosofia da linguagem desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, o grupo LET foi pioneiro no desenvolvimento de pesquisas sobre língua adicional nas áreas de ensino-aprendizagem e formação de professoras/es, na Universidade Federal de Alagoas. Partindo das reflexões inaugurais de Margarete Schlatter, Pedro Garcez e outras/os estudiosas/os, as/os pesquisadoras/es do grupo passaram a adotar o marcador *adicional* em lugar de *estrangeira*, fundamentando-se em um posicionamento político que busca atualizar como entendemos, ensinamos e nos apropriamos de uma língua não materna.

Moreira Júnior (2016) definiu língua adicional como:

Recorte 5: Moreira Júnior (2016, p. 65).

[...] língua próxima, não estranha, mais acessível, a língua que foi adicionada ao repertório linguístico-discursivo do sujeito por alguma necessidade real.

Nessa definição, três ideias depreendidas do conceito merecem a nossa atenção: proximidade, acessibilidade e factualidade social. No plano da proximidade, o autor destaca a língua adicional como um produto social fronteiriço à realidade da/o falante, isto é, tangível à possibilidade de a/o falante construir e compreender sentidos por meio dessa língua a partir do seu contexto. Isso implica a acessibilidade. Nesse plano, a língua deve ser apresentada à/ao falante como uma alternativa de acesso a outros saberes, os quais, talvez, não seriam alcançáveis por meio da língua materna. Quanto à factualidade social, o autor indica reforçar a imprescindibilidade da realidade da/o falante, isto é, a consideração das demandas pessoais e situacionais das/os falantes e, portanto, sociais, para a construção de sentidos em uma língua adicional.

Em estudos mais recentes, Moreira Júnior (2022) atualiza a sua concepção de língua adicional ao dialogar com os estudos decoloniais:

Recorte 6: Moreira Júnior (2022, p. 52)

A noção de língua adicional não está imune à colonialidade, afinal, nenhum produto dos sujeitos das sociedades modernas está livre de ser corrompido pela colonialidade.

O teor político do conceito é robustecido no fragmento apresentado. O autor reforça a ideia de que uma língua adicional pode (mas não deve) imprimir valores coloniais nas vidas de quem a aprende, ensina ou fala; em outras palavras, emerge em suas palavras uma preocupação sobre o serviço a que essa língua da modernidade europeia (relembremos isso), o espanhol, dedica-se a prestar. Essa postura de reflexão crítica sobre os interesses políticos, comerciais, educacionais e mercadológicos é fundamental para ajudar na democratização e na valorização de todas as línguas, independente do prestígio social que elas possuem atualmente, assegura Ifa (2024). O autor ainda nos adverte que é:

[...] determinante ter esse viés político na concepção e no uso da língua adicional. Sem ele, o desdobramento no ensino, por exemplo, pode provocar exatamente o que se quer combater, uma compreensão de que as línguas do Norte são e sempre serão as línguas que os cidadãos do Sul, colonizados, devam aprender para poderem participar da comunicação global (Ifa, 2024, p. 82).

Sendo assim, o processo de ensinar e aprender uma língua adicional deve partir de uma situação concreta para transformar ou para reproduzir discursos colonialistas? Meniconi *et al.* (2022) parecem responder a essa pergunta:

Recorte 7: Meniconi *et al.* (2022, p. 2148)

[...] é necessári[a] a construção de espaços dialógicos nas salas de aula de línguas que possibilitem e promov[a]m debates que estimulem a reflexão e o pensamento crítico, a partir de práticas de combate a todo e qualquer tipo de discriminação, preconceito e inferiorização da diversidade cultural.

Uma análise desse fragmento nos permite notar que o conceito de língua adicional é concebido a partir da realização concreta da interação verbal, melhor dizendo, da palavra que procede de um sujeito e se dirige a um *outro*. Ademais, as/os autoras/es consideram que a dinâmica da interação discursiva deve estar comprometida com a reflexão crítica e a justiça social contra todo tipo de violência ou intolerância. Em outra passagem, Moreira Júnior (2022) realça essa ideia:

Recorte 8: Moreira Júnior (2022, p. 57)

Nesse sentido, ensinar uma língua adicional é extrapolar os limites do aprimoramento linguístico-discursivo, sem, contudo, negligenciar ou diminuir a sua necessidade e importância para a educação linguística, buscando adequá-lo aos propósitos

comunicativos (Espírito Santo; Santos, 2018) e, sobretudo, às demandas dos aprendentes. É considerar que, por meio da aprendizagem de uma língua, é possível desconstruir ideologias, valores e modos de entender o mundo e a si mesmo – atuando nele –, principalmente aqueles que invisibilizam, precarizam ou descartam física e ideologicamente o outro.

O autor destaca duas necessidades na composição do estudo de uma língua adicional: o aprimoramento linguístico-discursivo e o desenvolvimento da consciência crítica das/os aprendizes. A partir desse entendimento sobre o processo de ensino-aprendizagem, o autor acentua a importância da agência e da subjetividade do sujeito produtor e/ou aprendiz no estudo da língua adicional. Mitigar o sofrimento humano constitui-se, então, uma das principais pautas no ensino e na aprendizagem de uma língua adicional como também um dos alicerces das pesquisas mais recentes em Linguística Aplicada.

Silva (2022) também se soma a essa compreensão de língua adicional e tece reflexões sobre a importância de se construir um processo de ensino-aprendizagem de línguas *desestrangeirizado*:

Recorte 9: Silva (2022, p. 58)

[...] o ensino [de uma língua adicional] desencadeia a reflexão crítica sobre questões sociais para possíveis transformações e tomadas de ações, a partir da avaliação dos seus próprios contextos sociais, para a construção de uma sociedade justa, democrática e menos opressora.

No recorte acima, Silva (2022) ressalta o compromisso político do ensino de uma língua adicional em dirimir as injustiças e intolerâncias sociais. Para isso, destaca o desenvolvimento da consciência crítica e de uma postura analítica sobre os nossos próprios espaços de atuação como fatores determinantes para o impulsionamento de ações a favor de uma sociedade que abrace as diferenças e os grupos minoritários e marginalizados.

Em conformidade com essa compreensão, Araújo (2018) atualiza a concepção de língua adicional ao articulá-la à proposta da *ecologia de saberes*, provinda dos estudos do sociólogo Boaventura de Sousa Santos.

Recorte 10: Araújo (2018, p. 39-40)

A proposta da ecologia de saberes é trazer à tona essa pluralidade de conhecimentos, sejam eles científicos ou não, dialogando-os. Esse pensamento de procurar aquilo que não conhecemos, ousaria afirmar, deve ser também uma postura adotada nas nossas vidas. Acredito, também, que promovendo essa reflexão nas aulas de língua adicional estaremos, penso, derrubando essas paredes *invisíveis* que separam a sala de aula do mundo em que nós, professores e professoras, e nossos alunos e alunas vivem (grifo da autora).

No excerto acima, a autora metaforicamente nomeia de “paredes *invisíveis*” as barreiras que a concepção de ensino de língua adicional busca transgredir na tentativa de proporcionar práticas de educação linguística comprometidas com as demandas sociais. Nesse sentido, ensinar e aprender uma língua adicional torna-se um chamamento, em termos freirianos, às/aos suas/seus falantes, docentes e aprendizes para um posicionamento de encontro aos problemas e às violências que nos deparamos cotidianamente. Esse posicionamento implica um responsável engajamento social. Assim, a autora completa:

Recorte 11: Araújo (2018, p. 42)

[...] é através da linguagem – compreendendo o contexto no qual ela está inserida, questionando-o, posicionando-se diante dele – que será possível ao aluno de uma língua adicional autoconhecer-se, refletir e transformar a si mesmo e ao contexto no qual está inserido.

Nesse excerto, Araújo (2018) põe em relevo a potência do estudo de uma língua adicional em proporcionar o autoconhecimento e a transformação do próprio sujeito como processos fundamentais para a promoção de mudanças que desejamos nos nossos espaços de atuação. Dessa forma, os excertos revelam uma preocupação do ensino de línguas adicionais em atuar não apenas no mundo externo ao sujeito mas também – e coletivamente – lançar olhares sobre o nosso próprio eu.

Consideramos, portanto, que os vários posicionamentos teórico-metodológicos caminham na percepção de que o ensino-aprendizagem de uma língua adicional pressupõe uma agência partilhada e coletiva sobre o mundo em que vivemos, exigindo-nos uma postura dialógica e acolhedora sobre as histórias e vivências de cada sujeito, e vigilante sobre aquelas histórias que não foram ou não puderam ser contadas a partir de outras perspectivas.

As pesquisas desenvolvidas pelas/os membras/os do grupo LET, em diversos contextos educacionais, não se restringiram em oferecer respostas “corretas” ou acabadas sobre a concepção de língua mais adequada a ser mobilizada. Contudo, cada pesquisa, cada atualização do conceito de língua adicional e cada proposta de trabalho docente elaborada e levada a cabo puderam direcionar o ensino de espanhol como língua adicional para a formação de cidadãs/ãos críticas/os e mais comprometidas/os com a justiça social, sem reduzir-se apenas ao melhoramento linguístico-discursivo.

As múltiplas faces da Linguística Aplicada no grupo LET

O grupo de pesquisa LET se localiza no campo da Linguística Aplicada, doravante LA, e, a partir da sua atuação/diálogo em/com diferentes universidades e institutos federais brasileiros, tem produzido estudos e ações que objetivam refletir e problematizar os seguintes aspectos: 1) as repercussões teórico-metodológicas na formação inicial e continuada de professoras/es de línguas adicionais; 2) o ensino-aprendizagem de línguas adicionais com foco na justiça social; e 3) os impactos dos (multi)letramentos na formação linguístico-discursiva e cidadã das/os estudantes e professoras/es a partir de diferentes

perspectivas, a saber: o letramento crítico, os estudos decoloniais, os feminismos, a perspectiva do Bem Viver, entre outros.

Nesse sentido, observamos que o grupo coaduna com a visão de Linguística Aplicada empenhada em “fazer pesquisa e política ao mesmo tempo de modo a lidar diretamente no planejamento da pesquisa com a possibilidade de reinvenção social ou de anunciar futuros alternativos para as nossas vidas” (Moita Lopes, 2009, p. 34). Nesse ínterim, Meniconi e Silva (2023) têm produzido investigações que buscam contribuir para a formação política, ética, responsável, responsiva, crítico-reflexiva, decolonial e discursiva das/os atrizes/atores envolvidas/os nos diversos contextos educacionais, tais quais as práticas de formação de professoras/es e o ensino-aprendizagem de línguas. Assim sendo, o fazer LA se apresenta como um ato social e político.

Observamos, ainda, que as/os pesquisadoras/os do grupo LET são convidadas/os a pensar uma LA diferente (Ifa, 2023), que contribua para a formulação de práticas sociais alternativas para aliviar o sofrimento humano. Esse convite parte de uma agenda ética e política que busca questionar, problematizar e combater posturas e situações sociais que reproduzem e perpetuam violências, preconceitos, injustiças e desigualdades sociais. Além disso, espera-se que essas/es pesquisadoras/es promovam “mudanças de práticas, propondo reformulações em sistemas sociais, através da desnaturalização de sentidos, visando a uma convivência humana mais justa e pautada na convivência comunitária e no direito democrático” (Souto Maior, 2023, p. 63).

Nesse sentido, apresentamos, a seguir, algumas concepções acerca do que se constitui Linguística Aplicada em pesquisas desenvolvidas pelas/os participantes do grupo LET, nos últimos anos.

Recorte 12: Moreira Júnior (2016, p. 27)

A área em questão busca dialogar com vários outros campos do conhecimento e tem como uma das suas preocupações as práticas que envolvem as linguagens. Ou seja, ao contrário da sua proposta inicial, em meados da década de 40 no Brasil, a LA vem buscando de outras áreas encaminhamentos para explicar os eventos pelos quais se preocupa, áreas essas que não estão diretamente vinculadas ao estudo da linguagem (CELANI, 1998), mas que contribuem com novas percepções. Por meio desse olhar, eu adoto a visão transdisciplinar da LA, na qual as múltiplas disciplinas colaboram com o estudo em uma situação dinâmica de fluidez em que a linguagem é construída e que, dessa forma, compõe-nos. Em outras palavras, entendo que o saber vai além do domínio de cada disciplina ou conhecimento em particular, isolado.

Recorte 13: Silva (2022, p. 25)

Além disso, devido à complexidade dos fatos relacionados à linguagem, a LA se direcionou a uma perspectiva inter/transdisciplinar, ou seja, dialogando com outras áreas de conhecimento [...] Sendo assim, eu compreendo que, ao me mover

entre os estudos decoloniais, o letramento crítico e o ensino-aprendizagem de língua espanhola em minha pesquisa, estou me engajando com a Linguística Aplicada.

Recorte 14: Moreira Júnior (2022, p. 81)

[...] o atravessamento por outros domínios do saber na Linguística Aplicada é uma necessidade vital a essa ciência. Isso não a torna uma ciência incompleta ou deficiente, pois a “transdisciplinaridade envolve mais do que a justaposição de ramos do saber. [...] A mera justaposição de saberes não leva à interação, condição essencial para a transdisciplinaridade” (CELANI, 1998, p. 117). Estou convencido de que os conhecimentos não são independentes, desistorizados, desconectados e esgotados em si mesmos. A transdisciplinaridade acaba por ser subversiva por romper o contorno do perfil disciplinar – definido, fechado e autossuficiente –, transpondo fronteiras políticas, teóricas, metodológicas e, conseqüentemente, ideológicas [...].

Nas definições teóricas acima, observamos que Moreira Júnior (2016; 2022) e Silva (2022) defendem o caráter transdisciplinar nas pesquisas em Linguística Aplicada, enquanto perspectiva que busca articular e integrar a área com outras disciplinas e campos do conhecimento, objetivando criar inteligibilidades sobre os problemas relacionados à língua/linguagem. Essa prática dialoga com o proposto por Moita Lopes (2006), que aponta a complexidade dos fatos relativos à linguagem, o que requer, necessariamente, que a/o linguista aplicada/o recorra a, e se envolva com, outras áreas do conhecimento, possibilitando, assim, a construção de propostas teórico-metodológicas próprias.

Além disso, Moreira Júnior (2022) aponta o caráter transgressor e subversivo da Linguística Aplicada Transdisciplinar, visto que rompe com a fragmentação positivista do conhecimento em áreas e disciplinas isoladas, que parecem não dialogar entre si. Ao transpor essas barreiras, a LA possibilita outras formas de investigar, problematizar e responder aos diversos problemas relativos aos usos da linguagem, assim como propicia a “abertura para o diálogo com outras áreas do conhecimento e possibilidade da inclusão de aspectos sociais, históricos e políticos no ensino-aprendizagem do idioma espanhol” (Meniconi; Silva, 2023, p. 41) e na formação inicial e continuada de professoras/es.

Araújo (2018) soma a essa discussão o caráter crítico e transgressivo da Linguística Aplicada, como podemos observar a seguir:

Recorte 15: Araújo (2018, p. 08)

Já a LA Transgressiva ressalta a necessidade de “pensar diferente; traspasar o território proibido; pensar o que não pode ser pensado; fazer o que não pode ser feito; alimentar o desejo de ir além; e procurar novas estruturas de pensamento e conduta” (*op. cit.*, 2007, p. 40-41). Compreendendo, nesse sentido, a linguagem como relacionada às questões políticas, históricas, sociais e culturais, que problematiza as relações de poder existentes em

diferentes contextos. Trazer à tona essas relações desiguais para questioná-las e propor reconstruí-las através dos nossos posicionamentos, penso, poderia ser o *traspassar o território proibido* ao qual se refere Pennycook (grifos da autora).

Nesse excerto, Araújo (2018) defende uma postura crítica da Linguística Aplicada, que busca desafiar, romper e transgredir as convenções, bases e implicações sociais e científicas tradicionais, desde uma postura e “um modo de pensar e fazer sempre problematizador” (Pennycook, 2006, p. 6). Nesse sentido, pensar a transgressão “não só desafia os limites e os mecanismos que sustentam as categorias e os modos de pensar, mas também produz outros modos de pensar” (Pennycook, 2006, p. 75).

Além disso, a autora relaciona a linguagem às questões sócio-históricas e políticas, em que “a linguagem é inerente e entrelaçada à vida social, o que implica uma relação interna e dialética entre linguagem e sociedade” (Ramalho; Rezende, 2011, p. 11). Assim sendo, ao tecer uma relação entre a Linguística Aplicada Transgressiva e a linguagem, Araújo (2018) aponta a linguagem como um recurso que pode ser utilizado “para estabelecer e sustentar as relações de dominação quando, ao contrário, para questionar e superar tais problemas” (Ramalho; Rezende, 2011, p. 11). Nesse sentido, as práticas reflexivas são fundamentais para problematizar e (re)pensar as questões de poder, ideologia e desigualdade social relacionadas à linguagem.

Na mesma perspectiva, Omena *et al.* (2024) defendem o caráter crítico e transgressivo da Linguística Aplicada e sua interrelação com questões sociais, como demonstrado abaixo:

Recorte 16: Omena *et al.* (2024, p. 186).

Essa pesquisa se insere na área de Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva (Moita Lopes, 2006; Pennycook; 2006), uma vez que objetiva refletir sobre questões de relevância social, como os padrões de beleza, a partir dos estudos da linguagem. Assim, a LA é uma ciência que se dedica ao estudo dos usos da linguagem nos mais diversos contextos sociais. Trata-se de um campo que apoia os investigadores que busquem compreender, analisar e interpretar a linguagem nos diversos contextos das experiências sociais das pessoas.

No excerto, as/os autoras/es revelam a centralidade das questões e experiências sociais para a área da Linguística Aplicada, ou seja, uma prática situada e contextualizada. Nesse sentido, Omena *et al.* (2024) subvertem a concepção de LA autônoma (Moita Lopes, 2006), que acontece em um vácuo social, voltada para o contexto de aplicação, em que o sujeito social é desumanizado de sua vida política, histórica, cultural e ideológica e que, conseqüentemente, “colabora na manutenção das injustiças sociais ao não situar seu trabalho nas contingências e vicissitudes sócio-históricas e ao não se indagar sobre os interesses a que seu trabalho serve” (Moita Lopes, 2006, p. 21).

Ao transgredir essa perspectiva, as/os autoras/es direcionam a LA para uma abordagem engajada com questões sociais e políticas, como os padrões de beleza,

conforme o recorte, e “outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade, etc.” (Moita Lopes, 2006, p. 27). Nesse sentido, a LA Crítica e Transgressiva pode contribuir para uma área responsável e sensível às necessidades e contextos sociais, percurso essencial para a ciência, “uma vez que tais vozes podem não só apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la” (Moita Lopes, 2006, p. 27).

Moreira Júnior (2016) e Silva (2022) reconhecem a Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem, como se verifica nos recortes a seguir:

Recorte 17: Moreira Júnior (2016, p. 29)

Nessa disciplina, pude ressignificar as minhas concepções e percepções que até então eram um pouco ingênuas e coloniais sobre o ensino de línguas, as quais eram resultado de como eu enxergava o mundo e, mais precisamente, a língua. Talvez – e neste momento retomo a citação de Celani (1998) –, sem essa experiência de reestruturar os meus pensamentos através de discussões e da presença do novo, sem ter passado pelo processo de enfraquecimento de verdades que eu tinha como cristalizadas, eu não teria compreendido as propostas atuais sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas, nem entendido a gênese de minhas (in)compreensões – que acredito ser o mais importante – e tampouco poderia ter realizado esta pesquisa de maneira satisfatória. Entre essas verdades, estavam as “receitas” de organização, sequenciação e execução de aulas pautadas na metodologia comunicativa.

Recorte 18: Silva (2022, p. 26)

Eu compreendo a desaprendizagem em minha prática docente por meio do meu amadurecimento enquanto professor e cidadão, ao propor práticas que buscam novas propostas de ensino direcionadas à formação de cidadãos reflexivos e engajados em uma sociedade melhor para todos, rompendo com o meu eu gramatical e estruturalista. Uma prática reflexiva acerca do meu fazer docente, permite-me compreender que nunca estamos prontos e acabados, mas em um processo contínuo que nunca termina, um processo permanente. Além disso, é necessário ressaltar o meu processo de desaprendizagem em relação a minha concepção referente ao que representa uma sala de aula: eu fui preparado para a sala de aula física, com a presença das/os alunas/os. Porém, com o contexto pandêmico atual – que discutiremos posteriormente - eu precisei aprender a lidar com uma nova realidade, o ensino remoto, e, nesse contexto, lidar com frustrações, cansaços e as dificuldades trazidas pelo novo.

Nos excertos acima, observamos que os pesquisadores apontam a LA como área do conhecimento que propicia a (re)avaliação, reflexão e (des-re)construção dos conhecimentos, métodos e práticas sociais e profissionais aprendidos e adquiridas nas diversas experiências anteriores (Fabrício, 2006). Nesse sentido, a LA envolve a identificação e superação de pressupostos e percepções que moldam o entendimento da/o professora/or-pesquisadora/or acerca do que é pesquisa e ensinar-aprender línguas.

Ademais, como exposto por Moreira Júnior (2016), a desaprendizagem em LA propicia a problematização, o desafio e o abandono de conhecimentos hegemônicos dominantes que (re)produzem e fossilizam práticas e perspectivas eurocentradas, ocidentais e coloniais. Em contrapartida, pesquisadoras/es e participantes são levadas/os a reconhecer, refletir criticamente e combater tais práticas, de modo a promover a decolonialidade⁸ e a justiça social, contribuindo, assim, para uma sociedade mais justa, democrática e igualitária.

No recorte de Silva (2022), observamos que a desaprendizagem em LA também se relaciona à incompletude do processo formativo da/o pesquisadora/or, ou seja, articula-se com o processo permanente de crescimento científico, profissional e pessoal da/o pesquisadora/or. Para tanto, exigem-se uma prática e um comportamento reflexivos que estejam dispostos a adaptações e mudanças. Em outras palavras, ao relacionar a desaprendizagem ao campo da Linguística Aplicada, compreendemos “que não estamos prontos e acabados, mas em um processo contínuo de formação que nunca termina, é um processo permanente” (Silva; Meniconi; Ifa, 2021, p. 16).

Ao articular a área da Linguística Aplicada, o ativismo social e as práticas decoloniais, Moreira Júnior (2022) defende o caráter militante da LA. Segue o trecho de sua tese:

Recorte 19: Moreira Júnior (2022, p. 187)

Na seção três desta tese, ousei em caracterizar a minha filiação à Linguística Aplicada Militante. E não tenho dúvidas disso. A militância não é acientífica como muitos acreditam ser. Advoguei desde as primeiras páginas deste trabalho que não acredito no pressuposto da neutralidade. A militância é um exercício de mobilização coletiva sistemática e resistente para transformar a realidade. A militância parte dos oprimidos, dos condenados, dos subalternos, dos descartáveis, dos quase-humanos que, em posição desfavorável, lutam pelo direito à existência de seus corpos, pensamentos e saberes. Por isso, é necessário saber o nosso lugar no mundo, principalmente aqueles lugares em que tentam nos colocar.

No recorte acima, identificamos que Moreira Júnior (2022) inter-relaciona a prática científica e acadêmica com o engajamento e ativismo político, social e ético. Ao pensar uma Linguística Aplicada Militante, o autor se compromete diretamente com questões sociais

⁸ De acordo com Omena *et al.* (2024, p. 188), a decolonialidade é uma “práxis que busca romper, combater e transgredir práticas, discursos e padrões que (re)produzem e perpetuam hegemonias coloniais, eurocêtricas, capitalistas e patriarcais”.

atuais e centraliza a preocupação da LA com a justiça, a transformação social e o sofrimento humano e não humano. Nesse sentido, a perspectiva militante articula a produção de conhecimentos (o fazer pesquisa científica) e a promoção de práticas linguageiras – e, portanto, sociais – (o viver em sociedade) a um forte compromisso ético e político na luta pelos direitos de existir, ser, pensar e conhecer. Nesse viés, busca-se, por um lado, problematizar e combater as práticas sociais que violentam e banalizam a vida humana e não humana, e, por outro, promover a formação de uma sociedade mais justa, equitativa e democrática. Para isso, o autor defende o fomento permanente e declarado de ações concretas e situadas a favor disso.

Considerações finais

Tecemos nossas considerações acerca do estudo realizado, manifestando, em primeiro plano, nosso contentamento com relação ao encontro afetivo e amoroso que esta pesquisa nos proporcionou. Foi maravilhoso revisitar as teses, dissertações, capítulos e artigos publicados pelas/os membras/os do grupo LET sobre o idioma espanhol que, muitas vezes, essas publicações acabam esquecidas nos repositórios das bibliotecas e nos sites das revistas científicas por falta de consultas, leituras e releituras. Além disso, esta pesquisa nos conduziu a um lugar de encontros com trabalhos belíssimos que entendem a língua/linguagem como prática social intermediada por relações dialógicas, em termos bakhtinianos, respondendo, de forma satisfatória, à nossa provocação inicialmente exposta neste artigo: Como as/os membras/os do grupo LET concebem língua/linguagem, língua adicional e Linguística Aplicada em suas pesquisas?

Por meio deste artigo, tivemos a possibilidade de nos deparar com diferentes visões sobre língua/linguagem nas pesquisas que revisitamos. Encontramos em todas elas uma riqueza de compreensões que, possivelmente, direcionaram os estudos realizados para a formação do ser crítico, ativo, responsivo e responsável pela luta por uma sociedade mais igualitária, justa, amorosa e humana. Nos textos consultados, observamos ainda a preocupação das/os pesquisadoras/es no tocante à formação e à produção de sentidos em línguas adicionais, considerando-se os contextos enunciativos reais e as problemáticas sociais. Essa atitude leva-nos ao entendimento de que as concepções de língua/linguagem adotadas pelas/os membras/os do LET refletem as perspectivas teóricas nas quais o grupo de pesquisa se baseia.

No que diz respeito à língua adicional, observamos a preocupação das pesquisas quanto ao contato da/o aprendiz com uma língua que se soma aos saberes e experiências por ela/e já construídos, ao invés do idioma que lhe é *estranho* e, muitas vezes, carregado de estereótipos e colonialidades. Nesse contexto, nascem ações investigativas e práticas de sala de aula que dão visibilidade às culturas minoritárias e subalternas e aos estudos das culturas latino-americanas.

Com o objetivo de mitigar o sofrimento humano, pesquisadoras/es do grupo LET apostam na Linguística Aplicada in/transdisciplinar, transgressiva, crítica e militante, levando para o chão dos contextos formativos e investigativos propostas que questionam as injustiças do mundo capitalista e as desigualdades por ele produzidas. Temas como o racismo, as discussões de gênero, entre outros, passam a ocupar lugar de destaque em

pesquisas desenvolvidas sobre o idioma espanhol, no LET, transformando as/os pesquisadoras/es, as/os participantes da pesquisa e os contextos investigados.

Finalizamos este artigo certas/os de que as pesquisas desenvolvidas pelas/os membras/os do LET traduzem os objetivos do grupo de pesquisa, voltados para o questionamento e combate de posturas que reproduzem violências, preconceitos, injustiças e desigualdades sociais. Entretanto, findamos este texto com a sensação de que ainda temos um longo caminho a percorrer, no que tange ao número pesquisas sobre o espanhol como língua adicional desenvolvidas pelo grupo LET. Assim, abraçamos esse desafio como um ato político, pois entendemos que a hegemonia das pesquisas sobre o inglês como língua adicional desenvolvidas pelo grupo LET refletem também o apagamento que o espanhol vem sofrendo nos currículos da educação básica brasileira.

Referências

ARAÚJO, J. N. M. **Formação inicial de professores de Espanhol no Projeto Casas de Cultura no Campus: ecologia dos saberes e letramento crítico**. 2018, 115 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

CELLARD, A. A Análise Documental. *In*: POUPART, J. *et al.* (org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 25-47.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

FLICK, U. U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

IFA, S. Ensino e formação de professores de línguas adicionais em tempos neoliberais: que internacionalização queremos? *In*: MACIEL, R. F. *et al.* (org.). **Diálogos e desafios na pesquisa em Linguística Aplicada**. Tutóia, MA: Editora Diálogos, 2024. cap.3, p. 73-93.

IFA, S. Formação Inicial de professores de Língua Inglesa na extensão: resistência, diferenças e tempos de esperanças. *In*: REICHMANN, C. L.; MEDRADO, B. P.; COSTA, W. P. A. (org.). **Nas fronteiras e margens: desenvolvimento de professores de línguas como território de esperanças**. Campinas: Pontes Editores, 2023.

KLEIMAN, A. B. O estatuto disciplinar em linguística aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate *In*: SIGNORINI, I.; MARILDA, C. (org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. **Atas CIAIQ2015**. Investigação Qualitativa em Educação/Investigación Cualitativa en Educación, v. 2, p. 243-247, 2015.

MENICONI, F. C. ; FEITOSA, D. S.; SILVA, A. R. N.; SANTOS, L. B. M. B.; CUNHA, T. G. B.; MELO, A. C. N. Pibid/Espanhol, diversidade cultural e experiências decoloniais de ensino: um novo olhar sobre o “outro”. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 2143-2159, jul/set. 2022.

MENICONI, F. C.; SILVA, A. R. M. Pesquisas em Linguística Aplicada e o ensino-aprendizagem de Língua Espanhola: práticas de letramento crítico e decolonialidade. *In*: OLIVEIRA JR, M.; MAGALHÃES, A. C. M. (org). **30 anos do PPGL UFAL**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2023.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Revista Gragoatá**, v. 14, n. 27, p. 33-50, 2009.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: Moita Lopes, Luiz. Paulo da. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOREIRA JÚNIOR, R. S. **A caminho de uma pedagogia decolonial nas aulas de língua espanhola**: uma experiência no ensino fundamental II de uma escola pública e periférica de Maceió. 2022, 245 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

MOREIRA JÚNIOR, R. S. **Português como língua adicional e letramento crítico**: ensino-aprendizagem com participantes falantes de outras línguas na Universidade Federal de Alagoas. 2016, 190 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

OMENA, J. M.; SILVA, A. R. M.; MENICONI, F. C.; OLIVEIRA, A. Q. D.; STENPHILT, C. M. S. S. Pibid-Espanhol/Ufal e a construção de saberes outros: vivências, práticas e aprendizagens nas aulas de Língua Espanhola. *In*: BRAGA JR, A. X. *et al.* (org.). **PIBID UFAL – Formação de professores e construção de saberes na contemporaneidade**: vivências, práticas e aprendizagens. Curitiba: Editora CRV, 2024.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: Moita Lopes, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas-SP: Pontes, 2011.

RIBEIRO, F. B. V.; PICALHO, A. C.; CUNICO, L.; FADEL, L. M. Abordagem interpretativista e método qualitativo na pesquisa documental: descrição geral das etapas de coleta e análise de dados. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 17, n. 1, p.100-113.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, ano 1, n. 1, jul., 2009.

SILVA, A. R. M. **Experiências de um professor crítico e decolonial**: uma proposta de transgressão do modelo tradicional de ensino da língua espanhola em um projeto de

extensão. 2022, 136 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

SILVA, A. R. M.; MENICONI, F. C.; IFA, S. Produção escrita em língua espanhola e práticas de letramento crítico no Projeto Casas de Cultura no Campus. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-18, 2021.

SOUTO MAIOR, R. C. A linguística aplicada e a implicação na pesquisa: uma leitura bakhtiniana. *In*: OLIVEIRA JR, M.; MAGALHÃES, A. C. M. (org). **30 anos do PPGLL UFAL**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

TUZZO, S. A.; BRAGA, C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 140-158, ago., 2016.

Recebido em 10 de agosto de 2024

Aceito em 22 de setembro de 2024